

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

PF: um legado (GADOTTI/ROMÃO, orgs.)

INTRODUÇÃO

UM LEGADO DE LUTA E DE ESPERANÇA

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire

Paulo Freire era uma pessoa bondosa, generosa, solidária. Ele queria bem às pessoas, falava bem delas, era sempre ético, positivo e respeitoso para com todos e todas. Todos os títulos dos seus livros são propositivos, esperançosos, otimistas. Jamais ele daria a um dos seus livros um título pesado, negativo, raivoso. Mesmo quando ele falava de uma “justa ira”, o fazia sem violência, porque toda sua vida foi dedicada à libertação dos seres humanos.

Como querer bem a Paulo Freire, hoje, como ele queria bem aos outros? Eis uma pergunta que me faço muitas vezes, quando entro no **Instituto Paulo Freire**. Uma possível e contundente resposta pode ser encontrada nas inúmeras declarações de amor registradas no livro de visitas dos *Arquivos Paulo Freire*. Camila Bernardi, Carolina Ribeiro e Luciana Tomiato, alunas do Curso de Pedagogia da USP, analisaram várias mensagens dirigidas a Paulo. Mensagens deixadas no livro de visitas dos *Arquivos Paulo Freire* do IPF, mensagens escritas pelas pessoas no livro do velório de Paulo Freire e e-mails enviados ao IPF por ocasião do seu falecimento. Elas afirmam que Paulo Freire “penetrou nas vidas dessas pessoas e transformou a visão que elas tinham sobre educação. Evidência disso é que as pessoas não escrevem apenas *sobre* as idéias de Paulo Freire, mas sim *com* elas. Ou seja, elas se apropriaram do pensamento freireano, transformando-o em referencial de vida. *Acreditam* tanto quanto o Professor acreditou em suas idéias e, partindo delas, buscam direcionar sua práxis”.

Paulo Freire deixou marcas profundas em muita gente, enquanto pessoas e enquanto profissionais. Não apenas pelas suas idéias, mas, sobretudo, pelo seu compromisso ético-político.

Quem passa pelo Instituto Paulo Freire, onde estão as bibliotecas que pertenceram a Paulo Freire, sabe muito bem o que é querer bem a Paulo Freire e “saber cuidar” da sua obra e do seu legado. Prosseguindo nas pegadas deixadas pelo seu fundador, o Instituto Paulo Freire busca aprofundar o conhecimento da teoria e da prática desse grande educador. Para isso, tem promovido e participado de cursos, conferências, congressos e outras atividades; tem atendido escolas públicas e privadas, alunos de cursos superiores e de educação básica. Mas, com o rigor e a ética devidos ao “guardião da utopia”, não incentivamos nem participamos de atividades que tendem a desqualificar a contribuição científica e pedagógica de Paulo Freire e o seu compromisso com os oprimidos. Nossa prática e compromisso caminham em outra direção. Eles se identificam, por exemplo, com os educadores populares, quando prestam homenagens a ele, pois o fazem como ele as concebia, isto é, como celebração de uma causa e não como culto a uma pessoa, a uma personalidade. A forma como esses

educadores festejam a sua pedagogia é, acima de tudo, vivenciando-a na luta, na sua prática cotidiana.

Concordo ainda com os companheiros do Instituto Paulo Freire: o pensamento, a práxis, enfim, o **legado de Paulo Freire**, não pertence a uma pessoa ou a uma instituição. Pertence a quem precisa dele. Recordo o filme *O Carteiro e o poeta* no qual o carteiro se apropriou de um poema de Pablo Neruda para seduzir sua namorada. Pablo questionou o carteiro sobre a autoria do poema e ele respondeu: “a poesia é de quem precisa dela; não pertence ao poeta que a escreveu”.

Creio que Paulo tinha consciência de que tudo o que havia escrito pertencia àqueles para os quais ele havia escrito: os oprimidos. Por isso não se incomodava em ver certos escritos dele reproduzidos sem consulta prévia. Testemunhei isso em 1979 quando traduzi o livro *Educacion y cambio*, o qual ele me pediu para prefaciar. Até eu mostrar esse livro, ele não sabia da sua existência. Ele havia sido publicado na Argentina, por um grupo de educadores populares que havia reunido alguns artigos escritos por ele no Chile porque precisavam desses escritos para as suas práticas político-pedagógicas.

Mais do que publicar textos sobre ele, precisamos continuar e reinventar seu legado. Mais do que “seguir” Freire como discípulos, precisamos estar imbuídos de seu espírito de luta, resgatando sua teoria e sua prática como pedagogo revolucionário, transformador, e, ao mesmo tempo, amoroso do mundo.

Ele conseguia, ao mesmo tempo, amar, indignar-se e comprometer-se com a luta pela mudança. Por isso, ultrapassou fronteiras. Como diz em seu livro *Pedagogia da autonomia* (São Paulo, Paz e Terra, 1997, pp. 113-114): “Não junto minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas”. Tomamos o pensamento e a práxis de Freire como referência político-pedagógica para responder aos desafios do presente e para fazer melhor amanhã o que fazemos hoje. Como diz Cornelius Castoriadis “honrar um autor não é venerá-lo, mas estudá-lo, criticá-lo”.

Há dez anos atrás, no dia 12 de abril de 1991, Paulo Freire, numa reunião com educadores e amigos, lançava a idéia da criação do Instituto Paulo Freire. Seu desejo era encontrar uma forma de reunir pessoas e instituições do mundo todo que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade. Assim surgiu o IPF. Hoje, Paulo Freire já não está entre nós, ou melhor, está em todos os nós da rede que teceu. O IPF tem buscado manter viva a sua luta, continuando e reinventando o seu legado.

Para nós, do IPF, Paulo Freire continua sendo a grande referência de uma educação como prática da liberdade. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas nenhum, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, ao mesmo tempo dos oprimidos, dando-lhes voz, e daqueles que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam, como afirma na dedicatória do seu livro mais conhecido *Pedagogia do oprimido*. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de hoje.

Creemos que o reconhecimento da importância da obra de Paulo Freire no campo da educação dar-se-á quando a escola deixar de ser confinada no seu espaço, fechada em si mesma, para reconhecer a educação ao longo de toda a vida. Isso significa reconhecer

que a educação é formal e informal ao mesmo tempo. E mais: hoje, reconhecer também que o espaço virtual tornou-se um dos mais poderosos espaços de formação do sujeito. Portanto, o **legado de Freire** não pode ser considerado como uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro. Nesse sentido, ele pode servir de base para elaborarmos as propostas alternativas ao neoliberalismo. Não só alternativas, mas propositivas de um outro projeto de sociedade, de um novo projeto, muito melhor do que o baseado no ideário neoliberal.

Muitos educadores, reunidos em “Círculos de Cultura”, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001, durante o *Fórum Social Mundial*, com razão referiam-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um “Manifesto” que assim se inicia: “No século que findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este novo mundo seja possível, é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como pré-condição. Esta educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”.

Não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode “ser freireano” apenas cultivando suas idéias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Como dizia ele, na *Pedagogia da autonomia* (p. 86): “o mundo não é; o mundo está sendo”. Sua “pedagogia sem fronteiras” é um convite para transformá-lo.

Paulo Freire não morreu, como testemunha seu filho, Lutgardes Costa Freire, que coordena hoje os *Arquivos Paulo Freire*, onde se encontram documentos, fotos, manuscritos e a biblioteca que pertenceu a seu pai, a qual é muito consultada por educadores e estudantes. Paulo Freire tem sido sistematicamente negado pelas elites, mas continua muito prestigiado na base, principalmente no nordeste onde os educadores sempre tiveram e têm ainda hoje imenso respeito por este grande educador nordestino.

Não é verdade que Paulo Freire seja ignorado pelos educadores brasileiros. Ele continua sendo homenageado de Norte a Sul do país como pode ser constatado pelo número crescente de convites que este Instituto recebe para falar sobre ele e também para homenageá-lo e, sobretudo, para re-visitá-lo criticamente. Mais e mais escolas públicas e privadas deste país prestigiam seu legado dando a elas o seu nome.

Há muitos freireanos espalhados pelo mundo. Eles se constituem hoje numa grande força de renovação da educação. Todos eles têm o direito e o dever de prosseguir o trabalho que Freire iniciou. Por isso sempre apoiamos as iniciativas, tanto no Brasil quanto no exterior, de criação de organizações, institutos, cátedras, núcleos de estudos, etc. tendo por base a filosofia do diálogo e o pluralismo de Paulo Freire. É a *Universitas Paulo Freire*, a grande comunidade freiriana no mundo. Não negamos a voz a ninguém, porque reconhecemos esse direito e esse dever de tantas instituições e pessoas, cada uma com o seu jeito peculiar, dar a sua contribuição na continuidade à luta de Paulo Freire.

Numerosas prefeituras populares e movimentos sociais no Brasil inspiram-se em suas idéias. Não há outra maneira de querer bem a esse educador a não ser mantendo viva a sua causa, divulgando-a e reinventando-a.

Convivi 23 anos com Paulo Freire. Trabalhávamos juntos e estávamos envolvidos com os mesmos temas educacionais. Li, certa vez, que “a verdadeira amizade chega quando o silêncio entre duas pessoas é agradável”. Com Paulo Freire era assim.

Falávamos horas seguidas, concordávamos em muitas coisas, mas discordávamos em tantas outras e, às vezes, o debate nos inflamava. Mas nunca sem perder o respeito. Colocávamos os pontos divergentes e apresentávamos os respectivos argumentos que os sustentavam. Com um olhar meio maroto, ele carinhosamente colocava a mão no ombro, como costumava fazer com todos os seus amigos quando queria chamar a atenção para o que estava dizendo, e apresentava seus contra-argumentos. Jamais se furtava ao debate. Mas havia também, depois de longas conversas, momentos de absoluto silêncio, o agradável silêncio de que trata a citação feita anteriormente: o silêncio-carinho, o silêncio-pausa para refletir, o silêncio-prazer de aprender.

Depois da partida de Paulo Freire, recebemos mais de 600 mensagens de condolências, enviadas à família e ao Instituto. Todas elas são manifestações de carinho e de imenso apreço pelo grande educador. Elas mencionam a profunda dor e tristeza pela *perda* de um mestre, mas, também, as *saudades* que ele estava deixando, evidenciando o impacto de sua práxis em muitas partes do mundo. Professores de aproximadamente 150 universidades enviaram mensagens. Isso demonstra a repercussão de suas idéias também no meio acadêmico.

Suas idéias poderão ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas das mensagens recebidas no IPF dizem textualmente: “minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente”. Essa relação entre o *cognitivo* e o *afetivo* é muito forte na obra de Paulo Freire e também naqueles que foram influenciados por ele. Essa relação era muito forte também na obra de Paulo Freire. Ele não envolvia as pessoas emocionalmente só através de suas tão encantadoras falas, mas também através de seus escritos.

Ainda uma observação sobre as mensagens recebidas. Além de revelarem o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo, essas manifestações terminam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar **continuidade ao seu trabalho**, ao seu compromisso, que era, sobretudo, o compromisso com os oprimidos. Não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar - da América Latina, por exemplo - mas com os oprimidos de todo o mundo. Há, portanto, um sentimento comum de que devemos continuar a tarefa da *conscientização*, da não violência, do trabalho de organização dos excluídos, dos pobres, dos pescadores, dos agricultores, dos sem-terra, dos sem-teto, das minorias oprimidas.

Recebemos mensagens de pessoas que dizem ter rezado por ele. Outros dizem que há um misto de *presença* e de *ausência* dele. Como ele escreveu ao deixar a Secretaria de Educação de São Paulo, em 1992, na carta de despedida: “Continuem contando comigo na construção de uma escola com outra “cara”, mais alegre, fraterna e democrática... Continuarei junto de vocês, de outra forma. Vou ficar mais livre para assumir outro tipo de presença”. Agora temos a **presença do seu legado**.

Paulo Freire confessou no último grande Congresso Internacional sobre o seu pensamento, realizado em setembro de 1996, em Vitória (ES), que, desde criança, era um “menino conectivo”. Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica. Ele conseguia, melhor do que qualquer outro intelectual que conheço, criar laços, interligar as categorias história, política, economia, classe, gênero, etnia, pobres e não-pobres. Sua pedagogia não é apenas uma pedagogia para os pobres. Ele,

como ser conectivo, queria ver também os não-pobres e as classes médias se engajando na transformação do mundo.

Em todos os escritos de Freire, dos mais antigos aos mais atuais, ele nos falava das virtudes como exigências ou *virtudes* necessárias à prática educativa transformadora. Mas ele também nos deu exemplo de algumas virtudes, entre elas, a *coerência* e a *simplicidade*. Ele não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança permanente. Paulo praticava, sobretudo, a virtude do *exemplo*: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre teoria e prática eu destacaria o valor da solidariedade. Paulo se insurgia contra um provérbio popular: “Minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro”. Não - dizia ele - a minha liberdade termina quando termina a liberdade do outro. Se o outro não é livre eu também não sou livre. A minha liberdade acaba quando acaba a liberdade do outro.

Outra virtude que conquistou foi a virtude da *simplicidade*. O simples não é fácil. É difícil ser simples. É sabedoria. Ele conseguia estranhar o saber cotidiano sem ser pernóstico, arrogante. Paulo detestava o intelectual arrogante, sobretudo o intelectual arrogante de esquerda. Para ele o intelectual de direita já era por convicção arrogante, mas o de esquerda era por deformação. O simples não se opõe ao concreto e ao complexo. Opõe-se ao prolixo. A simplicidade de Paulo Freire era densa, concreta e complexa.

Paulo Freire era também um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por “imperativo histórico e existencial”, afirma no seu livro *Pedagogia da esperança*. Além da *esperança* cultivou a *autonomia*. Autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar - também através da educação - para criar na sociedade civil a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento (alternativa ao socialismo autoritário). Paulo Freire tinha um verdadeiro *gosto pela democracia*. Ele sempre a tratava com carinho.

O que mais o preocupava nos últimos anos era o avanço de uma globalização capitalista neoliberal. Por que Paulo Freire atacava tanto o pensamento e a prática neoliberal? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire que é a *utopia*. Enquanto o pensamento freireano é utópico o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é *possibilidade*. Para o neoliberalismo o futuro é uma *fatalidade*. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o Estado, os Sindicatos e os Partidos Políticos. Denuncia a política fazendo política. Paulo Freire atacava a *ética do mercado* sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma *ética integral* do ser humano. No seu livro *Pedagogia da autonomia* (p. 15) ele destaca: “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador ‘acinzentadamente’ imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética”. O anti-academicismo de Freire é conhecido. E assim termina o mesmo livro (p. 165): “Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa da arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a

ausência da simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente”.

A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O ato pedagógico é democrático por natureza, o ato empresarial orienta-se pela “lógica do controle”. O neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade. “É assim mesmo”, “Não há outra coisa a fazer”, ouve-se dizer. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da subjetividade democrática, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento. Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a globalização fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.

A concepção de mundo e a sua teoria sócio-político-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo. Ele defende uma *nova modernidade* cuja racionalidade deve estar “molhada de afetividade”. Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora ela deve enraizar-se na cultura dos povos. A pós-modernidade se caracteriza pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista. A educação, para ser libertadora precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Paulo Freire era uma pessoa feliz. Ele tinha verdadeiro prazer em aprender e ensinar e transmitia esse prazer para os que conviviam com ele, seja na sala de aula, seja em outros lugares. Aprende-se quando se quer aprender e só se aprende o que é significativo, dizem os construtivistas. Paulo Freire também foi um dos criadores do construtivismo, mas do *construtivismo crítico*. Desde suas primeiras experiências no nordeste brasileiro, no início dos anos 60, ela buscava fundamentar o ensino-aprendizagem em ambientes interativos, através do uso de recursos audiovisuais. Mais tarde reforçou o uso de novas tecnologias, principalmente o vídeo, a televisão e a informática. Mas não aceitava a sua utilização de forma acrítica.

O construtivismo freireano vai além da pesquisa e da tematização: a terceira etapa do seu método - a problematização - supõe a ação transformadora. O conhecimento não é libertador por si mesmo. Ele precisa estar associado a um compromisso político em favor da causa dos excluídos. O conhecimento é um bem imprescindível à produção de nossa existência. Por isso ele não pode ser objeto de compra e venda, cuja posse fique restrita a poucos. Paulo Freire tinha um verdadeiro amor pelo conhecimento e amor pelo estudo. Mas dizia, conhecemos para: a) entender o mundo (palavra e mundo); b) para averiguar (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar idéias); c) para interpretar e transformar o mundo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo.

Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é algo pronto a ser apenas “apropriado” ou “socializado”, como sustenta a pedagogia dos conteúdos. Por isso, essa pedagogia sustenta, até hoje, a necessidade da memorização. Conhecer é descobrir e construir e não copiar. Na busca do

conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Para ele é preciso reinventar um conhecimento que tenha “feições de beleza”.

A escola não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que educar o conhecimento para que possamos interferir no mercado como sujeitos, não como objeto. O papel da escola consiste em colocar o conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a pobreza política produz pobreza econômica. “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo”, dizia Freire. Ninguém é ignorante de tudo, mas o “analfabeto político” não consegue entender as causas da sua pobreza econômica. Por isso Paulo Freire associava alfabetização e politização. A pedagogia neoliberal é uma *pedagogia da exclusão* justamente porque reduz o pedagógico ao estritamente pedagógico, buscando retirar da pedagogia a sua essência política. A *pedagogia da esperança* é o oposto da pedagogia da exclusão. Ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo.

Paulo Freire colocou o oprimido no palco da história, pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contra-narrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ela valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o saber cotidiano. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras significações, tais como: como conhecer, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o saber cotidiano do seu grupo social.

Outra noção que ele desenvolveu e que a distinguia de toda a conotação neoliberal, era a noção de qualidade. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ele nos falava de uma “nova qualidade”. A qualidade é todos (quantidade) terem acesso ao conhecimento e a relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é empenho ético, alegria de aprender. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a competitividade. Negam a necessidade da solidariedade. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros e não individualmente.

Uma outra contribuição de Freire à história das idéias pedagógicas é a sua concepção de currículo. Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurricularidade e interculturalidade. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um método pedagógico ou uma atitude do professor. Elas se constituem numa verdadeira exigência da própria natureza do ato pedagógico. Paulo Freire, na prática, sabia trabalhar com várias disciplinas ao mesmo tempo: a etnografia, a teoria literária, a filosofia, a política, a economia, a sociologia, etc. Trabalhava mais com teorias do que com disciplinas ou currículos que dizia deveriam ser ultrapassados. Insistia que os alunos buscassem fora de seu currículo outros conhecimentos, na educação principalmente. Para o ato pedagógico concorrem muitas ciências. Além disso, ele trabalhava ao mesmo tempo também com várias perspectivas teóricas: a do militante político, do filósofo da libertação, do cientista, do intelectual, do revolucionário, etc.

Nos últimos anos, ele estava programando organizar uma série de vídeos para possibilitar o acesso ao conhecimento a maior número de pessoas. Não se aprende tudo na escola, continuava insistindo. A TV, o vídeo e o computador podem ser ferramentas preciosas para as camadas populares. Mas precisamos aprender a ser emissores e não apenas receptores de idéias. Prezava a cultura midiática. Ela pode ser tanto um complemento do que aprendemos na escola como também um motor do conhecimento. Ela pode nos despertar para certos temas geradores que o saber escolar ignora ou

valoriza pouco, que podem ser, por exemplo, de um lado, a pobreza e a violência, e, de outro, a solidariedade e a interculturalidade. Os meios de comunicação mais modernos exploram a sensibilidade. Ora, é verdade que só aprendemos o que sentimos profundamente. A mídia pode nos sensibilizar e a escola pode partir desta sensibilização para ir além. Tanto a criança da classe média quanto a criança das classes populares estão igualmente expostas à cultura midiática. Nisso elas competem em igualdade de condições. Não é o caso da cultura escolar. A criança das classes populares não encontra na escola uma continuidade da sua cultura familiar como a criança das classes médias que dispõe de um ambiente letrado em casa. A escola e o vídeo são espaços diferentes de aprendizagem e não antagônicos.

Qual é o **legado** que Paulo Freire nos deixou?

Em primeiro lugar, ele nos deixou sua **vida**, uma rica biografia. Paulo nos encantou com a sua ternura, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade. Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo “menos feio, menos malvado, menos desumano”. Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixou um legado de indignação diante da injustiça. Diante dela, dizia que não podemos “adocicar” nossas palavras.

Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele nos deixou uma imensa **obra**, estampada em muitas edições de seus livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. Nela se encontra uma pedagogia revolucionária. A pedagogia conservadora humilha o aluno. A pedagogia freireana, a “pedagogia do diálogo”, deu dignidade a ele, respeitando o educando e colocando o professor ao lado dele - com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo - como um ser que também busca. Como o aluno, o professor é também um aprendiz... Esse é o legado de Freire. No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do pedagogismo dos anos 60, que, pelo menos na América Latina, sustentava a tese de que a escola tudo podia, e, de outro lado, conseguiu superar o pessimismo dos anos 70, para o qual a escola era meramente reprodutora do *status quo*. Fazendo isso - superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista - conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis. Fazer hoje o possível de hoje para amanhã fazer o impossível de hoje.

Em março de 1997, um grupo de jovens de Brasília ateou fogo e matou um índio pataxó. Paulo Freire ficou muito impressionado com este horror. E se perguntava por que chegamos a tamanha barbárie. As causas são múltiplas: há a mídia, a escola, a sociedade... todos somos responsáveis. Mas há a impunidade que permite, sobretudo às classes poderosas, fazer quase tudo o que quiserem sem ser punidas. Raramente são punidas. Poucos são os ricos que estão nas cadeias. Por isso precisamos dizer “não pode” sem ter medo de sermos antidemocráticos. Há o que pode e o que não pode ser feito. Diante da injustiça, da impunidade e da barbárie, precisamos de uma *pedagogia da indignação*, de uma *pedagogia da luta*. Dizer “não” provoca conhecimento. O “não” desacomoda, incomoda, desinstala. Obriga-nos a pesquisar. Dizer “não” é afirmar-se como “eu”. É buscar a ética, é valor, é postura. Paulo Freire nos falava com frequência de uma *pedagogia da rebeldia*.

Um tema que Paulo Freire estava desenvolvendo nos últimos tempos era o que chamamos no Instituto de *Ecopedagogia*. Paulo Freire dizia que precisávamos reler Ivan Illich e Herbert McLuhan com a compreensão que temos hoje da tecnologia, mas também com uma nova ética. Como diz o filósofo e teólogo Leonardo Boff, “a justiça não pode ser apenas social; precisa ser sócio-cósmica”. Paulo Freire nos falava da necessidade de criar vínculos, da amizade, das relações sociais e humanas e na sua última entrevista (16 de abril) afirmava que “gostaria de ser lembrado como aquele que

amou as plantas, os animais, os homens e mulheres, a terra...” Em seu livro *À sombra desta mangueira* ele valorizava justamente essas “felicidades gratuitas” - como disse o seu prefaciador Ladislau Dowbord - felicidades oferecidas pela natureza, contra as “felicidades vendidas e compradas”, como a infinidade de brinquedos eletrônicos, oferecidas pelo capitalismo neoliberal. Uma pedagogia libertadora precisa criar novas vivências, vivências solidárias, precisa criar novas relações sociais e humanas e não só construir conteúdos.

Paulo Freire foi um ser humano completo. Doce guerreiro das palavras, visionário, acreditava na importância da escola, do saber, da palavra, da cultura, do educador. Confessou certa vez que “não tinha vergonha de ser professor”. Como um plantador do futuro, ele sempre será lembrado porque nos deixou raízes, asas e sonhos como herança. Paulo Freire nos deixa um **legado de esperança**. Como criador de espíritos, a melhor maneira de homenageá-lo é reinventá-lo. Não copiá-lo. É levar adiante o esforço de uma educação com uma nova qualidade para todos. Essa nova qualidade não será medida pela quantidade absorvida de conteúdos técnico-científicos apenas, mas, pela produção de um tipo novo de conhecimento, “molhado de existência” e de história, um conhecimento que deve ser, acima de tudo, uma ferramenta de mudança das condições de vida daqueles que não têm acesso à existência plena. Ele nos deixou teorias e exemplos que nos podem levar muito além de onde estamos hoje. Como disse um professor logo que ouviu falar de seu falecimento “ele nos deixou mais pobres porque partiu, mas estamos mais ricos porque ele existiu”.

Trata-se agora de dar **continuidade** a seu legado. Mas, o que significa dar continuidade à obra de Freire? Dar continuidade a Freire, não significa tratá-lo como um “Totem”, ao qual não se pode tocar mas se deve apenas adorar; não significa também tratá-lo como um “guru”, que deve ser seguido por discípulos, sem questioná-lo. Nada menos freireano do que esta idéia. Paulo Freire foi, sobretudo, um criador de espíritos. Por isso deve ser tratado como um grande educador popular. Adorar Freire como um totem, significa destruir Freire como educador. Por isso não devemos repetir Freire, mas “reinventá-lo”, como ele mesmo dizia. Para esta tarefa, não designou esta ou aquela pessoa ou instituição. Esta tarefa ele deixou a todos nós, tão claramente expressa já no *Pedagogia do oprimido*, quando o dedicou “aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Paulo Freire deixou um grande legado que hoje atravessa, cruza e rompe fronteiras. Nesse início de um novo milênio seu pensamento ressurgiu e se renova em inúmeras experiências de educação popular, de educação continuada e informal, em escolas públicas e privadas, em políticas públicas, em diversas áreas do conhecimento, em diferentes profissões, confrontando-se com diferentes práticas e teorias. É um pensamento vivo e em evolução. Por isso não se trata de fazer uma leitura exegética do que ele escreveu. Trata-se de dar continuidade e de reinventar, na prática, as grandes intuições e motivações político-pedagógicas que orientaram seu pensar militante.